

A época de aposentadoria



João Carduci Pereira

A vida é repleta de rituais de passagem: batismo, a iniciação religiosa, o término dos estudos médios, o vestibular, o primeiro namoro, a formatura, o primeiro emprego, o grande concurso, o casamento, os filhos, os netos, a aposentadoria... Em cada uma dessas fases vivemos muitas emoções. Muitas delas se repetem ao longo da vida, e assim vamos adquirindo maturidade. Infelizmente esse trajeto não se dá de forma tranquila. Até aos vinte anos, em média, contamos com o amparo dos nossos pais e irmãos mais velhos. Depois dessa idade vai tudo por nossa conta. Enfrentando medo, mas

aos poucos vamos constatando que também podemos ser adultos e independentes. Nesse momento, as relações afetivas familiares passam por nova fase, pois os filhos começam a procurar viver sua própria vida, mas o amor entre eles continua o mesmo. Na vida profissional o ser humano ocupa boa parte de sua vida. Procura, profissionalmente, realizar seus ideais. Alguns, todavia, acomodam-se em patamares inferiores por comodismo ou falta de emulação. De qualquer modo todo profissional percebe que a vida profissional é semelhante a uma curva em U invertida, onde a pessoa vai evoluindo, até atingir seu nível de competência, onde pode permanecer

um bom tempo, e, depois, vai começando a descer, passando a ser substituído por outros mais jovens e ambiciosos. Nessa fase, já começa a cansar das disputas por funções e cargos e a reconhecer que não vale a pena passar todo o resto de sua vida assim. Anseia pela aposentadoria, para a qual se preparou, para poder viver o resto de seus anos com sensação de liberdade. Essa é que é mesmo a “melhor idade”, reconhece. Pena que nem sempre a sociedade saiba compreender que os aposentados fizeram por merecer esse “repouso do guerreiro” e, aos poucos, esqueça o quanto deve aos que hoje são chamados por políticos cínicos de improdutivos.

A caminho de Belém Pe. Caetano Rizzi

Novamente é Natal! O nascimento de Jesus deve ser assinalado cada ano, por uma graça e um esforço de renovação em nossa vida cristã.

É preciso levantar e colocar-se a caminho de Belém! Nesta época não se pode ficar indeciso! Urge tomar uma decisão e rumar para o desconhecido, para o incerto, por caminhos tortuosos para se chegar à plenitude dos encontros. Ele está lá, esperando, ansioso por amar e fazer feliz quem se aproxima!

É urgente, não se pode preparar bagagens, malas pesadas, reservas nos hotéis. Não dá tempo, pois o caminho é longo e é preciso sair já, não se pode chegar atrasado e a hora se aproxima!

Quem levar malas e se preocupar com o conforto, vai chegar depois e não poderá contemplar o mistério de Deus que se faz homem e arma sua tenda no meio do mundo!

Belém nos chama, nos atrai, nos arrasta, porque é lá, no fim

do progresso e da ciência, que Deus vem ao mundo! É lá, onde não há nada a não ser um só coração, que Deus vem habitar!

Depressa, é preciso desaparecer-se de tudo, deixar tudo o que nos atrai aqui para poder chegar em tempo! É um espetáculo que não vai se repetir mais, é único, é singular!

Observem, há um quê de misterioso no ar e todos olham ao longe, a Belém que está ficando mais próxima! Alguns começam a correr, vão sôfregos pelos caminhos, ferem seus pés nas estradas pedregosas! Não importa, é preciso chegar em tempo, não se pode atrasar um minuto sequer, pois Deus vai nascer no meio dos homens!

Alguém está gritando: - "Olhem, é ali! Aquela estrela está mostrando o lugar certo! Depressa está na hora!"

Todos correm ainda mais rapidamente, pois o mistério está próximo a desvendar-se!

Belém é aqui! É neste lugar! Todos chegam, rodeiam a pequena casinha, são envolvidos



pela luz suave que ela irradia! Existe paz em todos os corações! É algo tão enternecedor que ninguém consegue balbuciar palavra!

Apenas uma criança pergunta: - "Mamãe, porque tudo isso?"

- Meu filho, novamente é Natal! Jesus veio de novo e veio para ficar!

Sim, ele veio para ficar... em nossos corações... em nossas vidas!

Novamente é Natal e Belém é aqui! Amém!

A pedido do associado
Arnóbio Cândido de Almeida

ENFIM, DE REGRESSO

E lá foram 20 dias entre irmãs, amigos e leitores, numa discreta boemia vivida em meu tão querido torrão natal de tantas lembranças e saudades.

Voltei sim, e é verdade! Não como o filho pródigo, com jeito de arrependido, como se estivesse pedindo desculpas, por haver ficado ausente da loura desposada do sol, que, nos últimos 40 anos, conferiu-me status de filho legítimo.

Sucedede, porém, que, no primeiro dia de reencontro, uma sensação estranha invade-me o peito, por não me ver impresso nas páginas dos matutinos locais, em forma de palavras.

Lá, em meu sertão, de esposa a tiracolo, tomamos leite mungido, andamos a cavalo. E, para lembrar velhos tempos, num rasgo de ousadia, ainda fizemos a ordenha de uma vaca, com bezerro de um mês de nascido.

Já na capital, fomos a festas, almoços, jantares íntimos e a

shoppings centers. Frequentamos restaurantes "top line" e andamos pela cidade. Com olhos de turistas, visitamos museu, biblioteca, botecos, botequins e mercados de feirantes.

Noutra noite, aceitamos convite de casais amigos para um embalo em plena segunda-feira. O evento teve lugar na orla marítima, numa casa de lazer, fincada na Praia de Atalaia, Aracaju, Sergipe, de onde nada fica distante, nem mesmo os "canyons", aonde se pode chegar, via catamarã, rio acima, pelas águas do velho Chico.

Nesse "dia", a noite tomava conta do grupo, e a brisa soprava-nos o rosto e nos invadia a alma. Em nosso peito, uma desesperada vontade de aproveitar o momento, para reviver "velhos tempos, belos dias..." E por que não?!

E a esticada se fez avançar até que a escuridão da madrugada dava sinais de estar sendo invadida pelo clarão do amanhecer.

Laurindo Ferreira (Escritor)

Como ninguém é de ferro, nessa hora, jogamos a toalha porque o corpo deste escriba, quase octogênio, reclamava repouso.

Dia, seguinte, ainda no leito, procuro curar os excessos cometidos, e, de olhos cerrados, mentalizo um buquê de rosas, dalias e margaridas, onde cada flor, em policromas pluralmente difusos, emprestava maior brilho à penumbra dos ambientes daquela Casa de lazer.

Agora, de volta ao aconchego da loura de minha estima e de meu atual domicílio, sentimo-nos alcançados pela ternura de mãos se encontrado e a alegria de um barco voltando, como diz Dolores na canção a Noite de Meu Bem, para, aí então, em um cantinho de página de jornal, mais que cedo poder reatar a cumplicidade literária deste cronista com os leitores fortalezenses.

Fortaleza, 03 de setembro de 2015.

ÉTICA E ECOLOGIA

Inicialmente, definiremos que ética, em lato sensu, seria, nas palavras do professor Oscar d'Alva: "Uma reflexão sobre o fazer, antes de fazer, procurando fazer o bem". Para Cícero, o insigne orador da Antiguidade, consistiria "na razão certa, conforme à natureza, gravada em todos os corações, imutável e eterna cuja voz ensina e prescreve o bem. Essa lei não pode ser contestada, nem anulada. É Deus seu inventor, sancionador e publicador".

Em seu livro *Ética e Filosofia do Direito*, o professor Reginaldo Costa, ao comentar sobre as mudanças comportamentais do ser humano ocorridas na atualidade, elege a Ética como o fundamento deontológico, insubstituível e indispensável, para nortear a educação no mundo globalizado do século XXI, acrescentando que o crescente processo de ciberização e de informatização da sociedade atual está provocando mudanças com conotações globais.

Estas mudanças científico-tecnológicas, enfatiza, estão por toda parte e condicionam a construção de um novo mundo, uma nova realidade, uma nova sociedade, um novo homem e uma nova mulher, o que traz como consequência fundamental a necessidade de repensar as relações humanas e, deste modo, também a educação.

Observamos que uma das consequências imediatas dessa denominada sociedade científico-tecnológica, é a interconexão de todas as regiões do planeta através de uma malha de rede, criando uma realidade planetária global, intermediada por uma realidade virtual, que é o ciberespaço. Esta realidade resultou numa nova civilização, agora planetária em que, pela primeira vez, na história da humanidade, o destino de cada um de nós está diretamente associado ao destino de todos.

Com efeito, se entendermos que o destino é uma inarredável consequência do viver e como somente há vida possível enquanto a "Mãe Terra" continuar preservando as condições mesológicas para servir de berço da humanidade, fácil concluir que, sem consciência ética e ecológica, vislumbraremos, de logo, um futuro desolador ante a possibilidade de extinção das espécies pela inviabilidade da vida na face da Terra. E essa catástrofe que nos assombra já se prenuncia face às mudanças que estão ocorrendo na biosfera, sobretudo aquelas resultantes do "efeito estufa" e da destruição da camada de ozônio.

Por essas razões, prenunciam os especialistas que as consequências para a humanidade serão imprevisíveis, mas na certa catastróficas, pois poderão comprometer a sobrevivên-

cia da biodiversidade, aí incluindo a da própria espécie humana.

Face ao constringedor despreito que o homem da atualidade, apesar de todo progresso técnico-científico alcançado, tem pela natureza, seu "habitat" insubstituível, faz-nos lembrar de São Francisco de Assis que, no remoto século II, não só tenha pregado, na sua caminhada de evangelização, a convivência fraterna entre todos, não importando a condição social de cada um, vez que, para ele, os homens se igualavam por sua dimensão humana, mas, também, destes com a natureza, pois, na sua cosmovisão, compunham um todo indissociável, a ponto de o venerável santo chamar de irmão as coisas e os animais.

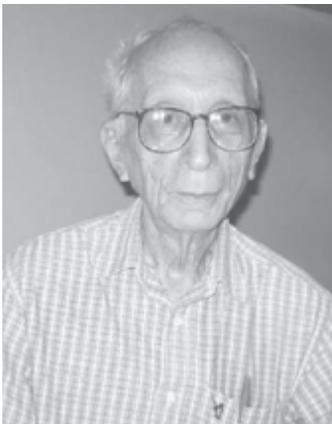
Dentro dessa perspectiva, o teólogo Leonardo Boff, incansável defensor da ecologia, diz que o homem só encontrará felicidade quando viver, com equilíbrio, suas dimensões cósmicas do "eu" e do "nós" em busca de sua integração sistêmica na sociedade e na natureza.

Francisco Helder Catunda de Sabóia
- Ex-func. - Aposentado.



In Memoriam

Pedro Hudson de Paiva Silveira



* 23.07.1925

† 23.11.2015

Penarosamente registramos o falecimento, em 23.11.2015, do associado Pedro Hudson de Paiva Silveira, ex-diretor da AFBNB, do Conselho Fiscal da AABNB e nesta também integrante do Grupo literário, tendo sido um dos responsáveis pela criação deste Encarte Cultural. A Presidência, Diretoria e integrantes desta Associação estamos muito sentidos com sua partida.

Luz na Eternidade

"Quando eu não existir mais

Procure-me nas flores,

Eu serei o perfume daquela que você tocar.

Quando eu não existir mais procure-me na chuva,

Eu serei os pingos d'água a acariciar o teu rosto

Quando eu não mais existir,

procure-me nas estrelas.

Eu serei uma delas só para lhe dizer: Boa Noite!

Mas se mesmo assim, você não compreender,

Lembre-se que fui um corpo no universo

E hoje sou a luz na eternidade".

Fernando Antônio Pedro Silva

IN MEMORIAM



AMOR FILIAL

José Aldro Luiz de Oliveira integra o rol dos moços mais eficientes que trabalharam no BNB. Seu companheiro de equipe, pude testemunhar a agudeza de sua inteligência nos processos creditícios de agroindústria. Aldro acaba de publicar “Alcides e Pedrinho Luiz”, com que resgata a memória de seus pais, primos carnais cujo ancestral mais remoto foi o lusitano Gonçalves Nunes Pereira. Prefaciada por dois ícones da literatura cearense (Dimas Macedo e Batista de Lima), a obra enfoca os transe e vitórias do casal, desde meninos, ambos órfãos, convivendo com adversidades climáticas (Seca do Quinze), sociais (banditismo de Lampião) e econômicas de uma agricultura de sequeiro. Já casados, lutaram para educar 14 filhos, sempre acometidos de doenças.

Mostra a superação dessas catástrofes com ações elogiáveis. A mãe Alcides, de intensa vida social,

ajudando os necessitados, quer costurando sem cobrar e fornecendo-lhes leite de graça, quer colaborando em projetos comunitários. O pai Pedrinho, misto de agricultor progressista, artista (bom violeiro), político e cooperativista. Arrimo de família e autodidata, foi líder comunitário, seguidor do Ministro João Gonçalves Sousa, colaborando na Associação dos Lavradores, construção de pontes, fundação do Ginásio e da Cooperativa Agrícola de Mangabeira, também elegendo-se vereador de Lavras em 1954, sendo nome de rua em Fortaleza. Os feitos do herói Pedrinho e da heroína Alcides constituem magnífico exemplo a quantos os conheceram, sendo a biografia amoroso preito filial do autor.

O livro – como afirma Batista de Lima – envolve todas as famílias de Mangabeira (distrito de Lavras), a quem o casal legou uma cultura associativa.

F. Silveira Souza

O sorriso do lago

Mairton Menezes

No alto daquela serra olhando o céu
Eu descortinava o azul do horizonte
Nuvens rendadas flutuando ao léu
Em forma de fumaça esvoaçante.

Ventos frios sopravam em rajadas
Agitando o matagal verdejante
Os galhos rodopiando em lufadas
Exalavam perfume alucinante.

E lá no sopé o tão tranquilo lago
Espelhando o brilho do sol ardente
Enche o horizonte de luz e de afago.

Foi tanto o capricho da natureza
Que o lago sorri com o sol nascente
E ao Poente gargalha com certeza.

08.09.2015

Transporte da Velhice

(Autor: Francisco Canindé Fernandes)

Vou Guiando o Transporte da Velhice,
Nas estradas que eu fiz na mocidade.

I

O que é bom não se acaba facilmente,
Nossa vida é um palco iluminado...
Trago muitas lembranças do passado,
E dos segredos do Pai Onipotente:
Toda paz, todo amor está no presente,
No caminho de encontrar a felicidade,
De morrer eu jamais tive vontade;
O futuro é escuro e não tolice,
Vou guiando o transporte da velhice,
Nas que eu fiz na mocidade.

II

O transporte que eu ando está sem freio,
Já subi o pináculo descendo...
O pneu de suporte é só remendo,
Mas meu peito de amor é sempre cheio;
Pode até ter topadas pelo meio;
Mas nem ligo o tamanho da idade;
No meu carro eu carrego liberdade...
Na cabeça o chapéu da meninice;
Vou guiando o transporte da velhice,
Nas estradas que eu fiz na mocidade.

III

Da ladeira do mundo em que vivemos,
Do transporte perdi todas as chaves;
Mesmo assim eu venci todos os entraves,
Sem ligar para as coisas que perdemos;
Com certeza, a guiar aprenderemos:
Tudo quanto mandar a Divindade,
Não preciso mais de velocidade,
Olhos grandes, riqueza ou gulodice,
Nas estradas que eu fiz na mocidade.

IV

Observo os segredos do destino,
Reconheço a velhice como glória;
De quem fez e fará a sua história.
Desde o tempo em que eu era pequenino;
Desta história eu serei um tangerino,
Que procura a justiça e a verdade,
Se o meu carro enguiçar não é maldade,
Será falta de amor ou de meiguice;
Vou guiando o transporte da velhice,
Nas estradas que eu fiz na mocidade.



Expediente

Editor responsável: Waldir Faria Freitas - **Grupo Literário:** Laurindo Ferreira, Luiz Mendes Filho, José Alberto de Souza e Waldir Faria Freitas - **Colaboradores:** Associados da AABNB